

IPSIS VERBIS



“SHARON SAI DE CENA

> “Os anjos ouviram as nossas preces.”

Michael Bem-Horin, militante israelita de extrema-direita, depois do anúncio da hemorragia cerebral que incapacitou Ariel Sharon, 5 de Janeiro

> “Dizemos com franqueza que Deus é grande e é capaz de exercer vingança neste fâcnora. [...] Agradecemos a Deus por este presente que nos foi dado no novo ano.”

Ahmed Jibril, líder da Frente Popular para a Libertação da Palestina – Comando-Geral, 5 de Janeiro

> “A comunidade internacional perde uma das raras bússolas no Médio Oriente.”

Editorial do *Le Monde*, 6 de Janeiro

> “Como soldado e como estadista foi amado e odiado, promovido e despromovido. Um dia era o ‘rei de Israel’, no outro um ‘perigo para o Estado’. O homem que se acreditava não ter perfil para ministro da Defesa tornou-se o ‘pai da nação’.”

Yoel Marcus, jornalista israelita, 6 de Janeiro

> “Israel é uma democracia, mas assistimos agora a um fenómeno que remete para o que acontece nos estados totalitários quando o líder deixa o palco. A governação de Sharon era tão centralizada e total que parece não haver ninguém que possa ocupar o seu lugar.”

David Grossman, escritor israelita, 6 de Janeiro

> “Mesmo que Sharon fosse indispensável à aceitação da ideia de que o centro poderia germinar, essa ideia já tomou o seu caminho e não precisa dele para sobreviver.”

Mark Heller, director de investigação do Jaffee Center for Strategic Studies, Universidade de Telavive, 8 de Janeiro

> “Os israelitas continuarão insuficientemente desesperados para tornar indispensável a concessão territorial. Os americanos não os obrigarão a fazê-lo. Os palestinianos continuarão incapazes de se unir numa posição negocial credível. A partida de Sharon não alterará estes fundamentos.”

Max Hastings, jornalista e historiador de assuntos militares, 9 de Janeiro

> “O Kadima era em tudo, menos no nome, o Partido de Sharon. Agora parece ‘Hamlet’ sem o príncipe. Pode o seu vice, Ehud Olmert, ‘calçar os sapatos’ de Sharon? Alguém pode?”

Niall Ferguson, historiador britânico, 9 de Janeiro

> “Como no caso de Ytzhak Rabin, serão estas últimas imagens emocionais, de uma força fenomenal, que marcarão a memória que a nação guardará do homem.”

Ilan Greilsammer, professor de Ciência Política na Universidade Bar-Ilan, Israel, 11 de Janeiro

> “Ele não era um homem de paz, nem como político nem como soldado.”

Joschka Fischer, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, 12 de Janeiro

> “A odisseia pessoal e intelectual de Sharon – o espectáculo do general combativo que a partir da confiança granjeada nas suas batalhas opta por encorajar o seu povo a fazer os sacrifícios necessários à paz – pode ser vista como uma metáfora da história de Israel, e se calhar até do seu passado bíblico: tal como Moisés, Sharon conseguiu ainda vislumbrar a Terra Prometida.”

Henry Kissinger, 16 de Fevereiro

“ A VITÓRIA DO HAMAS

> “Os europeus e os americanos estão a dizer ao Hamas que tem de escolher entre as armas e o parlamento. Nós dizemos que vamos para as armas e para o parlamento e que não existe qualquer contradição entre os dois caminhos.”

Ismail Haniyah, representante do Hamas em Gaza, 25 de Janeiro

> “Mais cedo ou mais tarde [o Hamas] estará nas montanhas em torno do aeroporto de Telavive e o terrorismo pode voltar a ser uma ameaça monumental a Israel.”

Benjamin Netanyahu, líder do Likud, 25 de Janeiro

> “Reparem, quando dão ao povo o direito de votar, dão-lhe a possibilidade de se expressar nas urnas – e se eles estão infelizes com o *status quo*, assim o dirão.”

George W. Bush, 26 de Janeiro

> “George Bush e Tony Blair, que tanto se empenharam na promoção da democracia no Iraque e (selectivamente) noutras áreas do Médio Oriente, devem estar encantados. O único problema é o resultado...”

Editorial do *Guardian*, 27 de Janeiro

> “Primeiro a América permite ao Hamas concorrer às eleições, e quando ganha, a América diz ‘Opps, desculpem, não estávamos a pensar em vocês’. Parece-se muito com a questão do Iraque. Primeiro agem, depois pensam.”

Uri Dromi, investigador do Israel Democracy Institute, Jerusalém, 27 de Janeiro

➤ “A lição mais importante destas eleições é que os Estados Unidos não podem manter a retórica da promoção da democracia como uma desculpa para evitar lidar com a pressão dos desejos e ambições nacionais.”

Anatol Lieven, investigador da New America Foundation, 30 de Janeiro

➤ “Alguns vão dizer na Europa: estamos perante amadores e eles vão aprender a moderação. A minha análise é outra: o Hamas vai governar e o Hamas vai falhar. Não vão conseguir melhorar a vida das pessoas. Agora que vão deitar a mão à ajuda europeia, vão tornar-se tão corruptos quanto a Fatah.”

David Frum, ex-assessor da Casa Branca, autor do discurso de Bush sobre o “Eixo do Mal”, 31 de Janeiro

➤ “Entre muitos ranger de dentes, a vitória do Hamas nas eleições palestinianas está a ser designada como desastre. Pelo contrário. É profundamente clarificadora. Se o mundo responder correctamente, marcará um ponto de viragem para melhor.”

Charles Krauthammer, colunista do *Washington Post*, 3 de Fevereiro

➤ “O que Sharon obviamente não previu foi que os seus sucessores, que sempre o apoiaram na oposição aos sucessores de Arafat, viriam a ser obrigados a discutir o ‘processo de paz’ com os sucessores do xeque Ahmed Yassin.”

Akiva Eldar, jornalista do *Ha’aretz*, Fevereiro

“ O IRÃO E A BOMBA

➤ “Os líderes mais perigosos da história moderna (como Hitler) são os que combinam uma ideologia totalitária com uma crença mística na sua própria missão. Mahmud Ahmadinejad preenche estes dois critérios. Se a isto juntarmos o seu previsível arsenal nuclear, então estamos perante um adversário que tem de ser travado – e com urgência.”

Daniel Pipes, comentador de assuntos do Médio Oriente, 10 de Janeiro

➤ “Digo às superpotências que, com força e prudência, o Irão vai conseguir obter energia nuclear pacífica. A nação iraniana não está intimidada pelas potências e pelo seu ruído.”

Mahmud Ahmadinejad, 11 de Janeiro

➤ “Não existe pois mais espaço para ilusões, ou para hesitações: ou se tomam medidas rápidas para evitar que o Irão consiga desenvolver armas nucleares, ou estaremos colocados sob uma ‘espada de Dâmocles’ nas mãos de um fanático.”

José Manuel Fernandes, 12 de Janeiro

➤ “O próximo passo do Ocidente em relação aos planos nucleares iranianos deverá ser o de procurar compreender melhor o regime e a sociedade [iranianos], em vez de começar a bombardeá-los.”

Timothy Garton-Ash, 12 de Janeiro

> “Aqueles que apoiam abertamente o regime que ocupa Jerusalém devem saber que os seus nomes estarão nas listas de criminosos de guerra. Porque forneceram armas ao regime que ocupa Jerusalém? Nós é que deveríamos inspeccionar o vosso arsenal e o do regime que ocupa Jerusalém, selá-lo e destruí-lo.”

Mahmud Ahmadinejad, 14 de Janeiro

> “A bomba dá ao Irão a capacidade de dominar o Médio Oriente [...]. Só as democracias do Ocidente, como de costume, têm os meios para evitar a catástrofe que se anuncia. Infelizmente, não têm tudo o resto.”

Vasco Pulido Valente, 14 de Janeiro

> “Diplomacia não é só conversa. Tem que ser acompanhada por pressões e, em casos extremos, pela força.”

Mohamed Al-Baradei, presidente da Agência Internacional de Energia Atómica, 16 de Janeiro

> “O problema da proliferação é que, uma vez que se faz uma excepção, abre-se caminho ao argumento lógico: ‘porque não eu?’[...] O Ocidente, que autorizou Israel a dotar-se de capacidade nuclear, cometeu erros e todos nós sofremos com o facto de outros países seguirem o mesmo caminho.”

Príncipe Saud al-Faisal, ministro saudita dos Negócios Estrangeiros, 17 de Janeiro

> “O Irão é um superestado regional. Se houve algum dia uma ocasião que aconselhasse uma abordagem baseada na *realpolitik* é esta, por muito repelente que possa ser o seu líder e as suas centrifugadoras. Se não é possível impedir um homem de comprar uma arma, a segunda melhor opção é fazer dele nosso amigo, não o nosso inimigo.”

Simon Jenkins, colunista do *Guardian*, 20 de Janeiro

> “O Irão deve ser confrontado com uma escolha clara: pode tornar-se um Estado pária e empobrecido, mas com armas nucleares – como a Coreia do Norte – ou pode reintegrar a comunidade internacional, satisfazer as necessidades do seu povo e preservar a sua segurança em troca de abdicar da capacidade nuclear. A escolha pertence aos iranianos. Mas nós devemos obrigá-los a escolher.”

Ivo Daaler e Phillip Gordon, investigadores da Brookings Institution, 22 de Janeiro

> “Em suma, um Estado patrono de terroristas liderado por um lunático apocalíptico em breve terá a possibilidade de incinerar Nova Iorque ou Telavive [...] Mais cedo que o previsto, o Presidente Bush enfrentará uma escolha difícil: ou ordena raids aéreos (ou permite que os israelitas o façam), ou aceita um Irão com capacidade nuclear.”

Max Boot, colunista do *LA Times*, 25 de Janeiro

> “Não nos iludamos uma vez mais com a esperança de que habitantes de um país estrangeiro voltarão a receber as bombas americanas com doces e flores.”

Fareed Zakaria, 30 de Janeiro

➤ “É legítimo à luz da moral e do direito internacionais, este cerco ao Governo iraniano visando impedir o desenvolvimento do seu programa nuclear? Não me parece.”

Fernando Rosas, 8 de Fevereiro

“ OS CARTOONS DA IRA

➤ “Que espera o Ocidente para intervir? Adoptará a política da avestruz até que um outro Theo van Gogh seja assassinado em Copenhaga ou em Oslo?”

Magdi Allam, editorialista muçulmano do diário italiano *La Stampa*, 2 de Fevereiro

➤ “Será que substituímos os preconceitos anti-semitas por preconceitos anti-islâmicos?”

Bill Clinton, 2 de Fevereiro

➤ “Cada vez mais os europeus conhecem direitos e ignoram a ética da responsabilidade, que manda pensar na consequência dos nossos actos, mesmo quando usamos as mais fundamentais liberdades.”

Jorge Almeida Fernandes, 3 de Fevereiro

➤ “Estas caricaturas são evidentemente lesivas para as crenças muçulmanas. É inaceitável o incitamento ao ódio religioso e étnico. [...] Reconhecemos todos e respeitamos completamente a liberdade de imprensa. Mas ela deve ser acompanhada da responsabilidade de imprensa.”

Justin Higgins, porta-voz do Departamento de Estado, 3 de Fevereiro

➤ “Esta mensagem é obscena. É racista. Desrespeita as convicções de um em cada seis seres humanos no planeta. Nesse sentido, o que estas caricaturas fazem é profanar o direito à liberdade de expressão, transformando-a no direito a promover o ódio.”

Bradley Burston, colunista do diário *Há'aretz*, 6 de Fevereiro

➤ “É claro que não esperávamos este tipo de reacção, mas eu lamento que alguns muçulmanos se possam ter sentido insultados. Isto não foi dirigido contra os muçulmanos. Eu queria apenas colocar o tema da autocensura na agenda e começar um debate.”

Flemming Rose, editor da secção de cultura do *Jylands-Post*, jornal dinamarquês que publicou os *cartoons* sobre o profeta Maomé, 7 de Fevereiro

➤ “Os media americanos, ao recusarem-se a publicar os *cartoons*, estão a ceder ao terrorismo intelectual e religioso. Estamos a aplicar aqui um critério diferente por medo de retaliações físicas.”

Alan Dershowitz, professor de Direito em Harvard, 7 de Fevereiro

➤ “Ambos os lados estão a exagerar. Embora seja verdade que a representação visual do Profeta é estritamente proibida, os muçulmanos têm de compreender que há uma velha tradição secular na sociedade ocidental de fazer troça de praticamente tudo.”

Tariq Ramadan, académico muçulmano de nacionalidade suíça, professor convidado na Universidade de Oxford, 7 de Fevereiro

> “Estamos a enfrentar uma crescente crise global que tem o potencial de escalada para além do controlo dos governos e de outras autoridades.”

Anders Fogh Rasmussen, primeiro-ministro dinamarquês, alguns dias depois dos ataques a embaixadas e consulados dinamarqueses em vários países muçulmanos, 7 de Fevereiro

> “A liberdade sem limites não é liberdade, mas licenciosidade.”

Do comunicado de Diogo Freitas do Amaral, ministro dos Negócios Estrangeiros, sobre a polémica das caricaturas, 7 de Fevereiro

> “A liberdade de expressão no Ocidente estende-se [...] a acontecimentos como o Holocausto, ou é esta liberdade de expressão apenas para a dessacralização das santidades das religiões divinas?”

Hamsahari, jornal iraniano depois de anunciar a abertura de um concurso de cartoons sobre o Holocausto, 7 de Fevereiro

> “Cedendo ao islamismo radical e à chantagem de alguns governos árabes e islâmicos, a Europa está a prestar o pior serviço possível àqueles que nesses países acreditam na possibilidade de conciliar o Islão com a democracia e os direitos da pessoa humana.”

Teresa de Sousa, 7 de Fevereiro

> “Estamos em guerra e estamos a perder. [...] Estamos a perder por dentro, o que é pior. A crise das caricaturas é disso o melhor sinal.”

José Pacheco Pereira, 9 de Fevereiro

> “Tornou-se patente que o terrorismo se está a converter num *habitus*, numa segunda natureza, senão já na primeira, da alma árabe muçulmana.”

José Gil, 10 de Fevereiro

> “Quem têm sido os maiores agressores nos últimos tempos? Somos nós! Portanto, cabe-nos a nós a iniciativa e cabe-lhes a eles [os muçulmanos] dar passos nesse sentido, de não utilizarem a violência, porque os protestos são legítimos mas há muitas maneiras pacíficas de fazer protesto.”

Diogo Freitas do Amaral, declarações à RTP após a cerimónia da atribuição do grau de doutor *honoris causa* ao príncipe Aga Khan pela Universidade de Évora, 12 de Fevereiro

> “Não pode haver exagero quando se trata da liberdade. A liberdade de expressão não é qualquer coisa que se possa negociar; é um valor crucial nas nossas sociedades livres e abertas.”

José Manuel Durão Barroso, 14 de Fevereiro

Citações recolhidas por Ana Santos Pinto e Pedro Aires Oliveira

FONTES:

BBC News, Courrier International (edição portuguesa), Die Zeit, Guardian, Ha'aretz, International Herald Tribune, LA Times, Newsweek, Le Monde, New York Sun, Público, The Times, Time, Washington Post